

# humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HVMANITAS

Vol. LXI



# A MITIFICAÇÃO DA HISTÓRIA E O *PACIECIDOS* DE BARTOLOMEU PEREIRA SJ

CARLOTA MIRANDA URBANO  
Universidade de Coimbra  
camirurb@fl.uc.pt

## Resumo

O presente estudo toma como objecto uma epopeia novilatina de carácter hagiográfico que tem por tema matéria histórica recente. Além de contextualizar sumariamente a composição da epopeia em causa no ambiente de consciência épica dos séc. XVI e XVII, o estudo evoca as fontes documentais históricas e hagiográficas a que o poeta recorreu e identifica as intenções e os mecanismos de mitificação da história que fazem desta narrativa uma epopeia.

**Palavras-chave:** literatura neolatina jesuítica, hagiografia, Bartolomeu Pereira, martírio, poesia épica, mito, história de Portugal, Japão.

## Abstract

This article focuses on a neo-latin hagiographic epic with recent historic events as its background. Firstly the composition of this epic is framed within the epic mentality of the 16th and 17th centuries; secondly, the intentions and mechanisms of mythification of history that explain the epic nature of this narrative are also analysed. The historic and hagiographic documents that the poet presumably used as a source of information are also mentioned in this study.

**Keywords:** jesuit neo-latin literature, hagiography, Bartolomeu Pereira, martyrdom, epic poetry, myth, history of Portugal, Japan.

## 1. Uma interpretação épica da história. Portugal e a missão de universalizar o cristianismo.

A História de Portugal dos séc. XVI e XVII, assinalada pela fantástica epopeia dos Descobrimentos, foi desde sempre associada ao ideal de missionação e de universalização do cristianismo. Na carta que acompanhou a embaixada de D. Manuel ao Papa Leão X em 1513, o rei de Portugal colocava sob o estandarte da cruz, *-crucis vexillo-*, todo o esforço empreendedor da expansão portuguesa movido por um desejo: que as «plagas distantes do Oriente [...] se aliem em breve às do Ocidente e venham a render-se ao culto do verdadeiro Deus».<sup>1</sup> Os historiadores humanistas portugueses desenvolveram este tópico ideológico interpretando em chave épica a história recente, e mesmo relendo a história do passado em função dessa missão sagrada que o reino cumpria, evangelizando os novos mundos do Ocidente ao Oriente.<sup>2</sup>

Atravessado por um verdadeiro fascínio pelo heroísmo, haurido nos modelos literários da antiguidade pagã reposta em primeiro plano pelo humanismo renascentista, mas também nos modelos literários e espirituais da antiguidade cristã e ainda na *praxis* da experiência missionária contemporânea, este período da nossa história dotaria o património literário do seu tempo de uma formulação épica dos seus modelos de santidade.

A Companhia de Jesus, desde a sua fundação marcada pelo ideal apostólico da missão, viria a assumir neste contexto um papel fundamental, quer na educação massiva de novas gerações de prosélitos que saíam dos seus colégios, quer na larga participação na evangelização dos novos campos que se abriam a Portugal.

Assim, no século XVII, respirava-se na Companhia de Jesus um ambiente de verdadeira auto-consciência épica, um clima de exaltação da sua grande actividade missionária. Este ambiente teve naturalmente os seus resultados editoriais que em Portugal se fizeram sentir sobretudo na década de 40, por sinal a década do jubileu do primeiro centenário da Companhia.

---

<sup>1</sup> Na tradução de Nair Castro Soares, 2004: 99-129.

<sup>2</sup> Sobre esta mitificação do passado em função da missão sagrada de Portugal é indispensável a leitura de J. E. Franco, 2000.

## 2. Uma epopeia hagiográfica. O *Paciecidos libri duodecim*

É neste contexto que devemos considerar a epopeia hagiográfica neolatina do P. Bartolomeu Pereira, um jesuíta mestre de Retórica, publicada em Coimbra, em 1640. Este poema, *Paciecidos libri duodecim*<sup>3</sup>, celebra a epopeia do P.e Francisco Pacheco, provincial do Japão, queimado vivo em Nagasaki juntamente com oito companheiros<sup>4</sup> no dia 20 de Junho de 1626, que viria a ser beatificado pelo Papa Pio IX, a 7 de Julho de 1867.

No prólogo a um conjunto de elogios de mártires do Japão, *Fasciculus e Iapponicis floribus suo adhuc madentibus sanguine* (1646)<sup>5</sup>, o seu autor, o P. Francisco Cardim, afirma que foi ele próprio quem sugeriu a Bartolomeu Pereira a composição do *Paciecidos*. Provavelmente o mestre de Retórica terá mesmo recebido das mãos dos superiores essa missão, a que se terá associado o seu próprio desejo e vontade de celebrar a acção heróica dos missionários jesuítas no Japão, coroada pelo martírio.

### 2.1 Fontes históricas

O documento mais antigo sobre os acontecimentos que constituem a acção principal do *Paciecidos* é anterior ao próprio martírio do P.e Francisco Pacheco. Trata-se da *Relação Breve da prisão por causa de nossa S.ta fé de P. Francisco Pacheco Provincial da Companhia de JHS de Japão e de*

---

<sup>3</sup> Pereira, Bartolomeu, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento igne concrematus anno 1626*. Conimbricæ, Expensis Emmanuelis de Carvalho 1640. Este poema foi traduzido para francês: *La Paciecide. Épopée en douze livres en l'honneur du très illustre Père François Pacheco, portugais de Ponte de Lima, par Barthélemy Pereira S.J. ...traduction par A. Guichon de Grandpont*, Paris, 1887. Foi estudado e comentado por C. M. Urbano, 2004.

<sup>4</sup> Eram eles, além de Francisco Pacheco, Baptista Zola, Baltasar Torres, Gaspar Sadamatzu, Pedro Rinxei, Vicente Caun, Paulo Xinsuque, João Quizaco e Miguel Tozo.

<sup>5</sup> F. Cardim, *Fasciculus e Iapponicis floribus suo adhuc madentibus sanguine, compositus a P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesu, Prouinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Roma, 1646. A mesma obra seria depois publicada em português com o título: *Elogios e Ramallete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da companhia de Jesus a quem os tiranos do império do Japão tiraram as vidas por ódio da fé católica*, Lisboa, 1650.

*outro da mesma Companhia e muitos seculares japões com algumas outras cousas mays*,<sup>6</sup> assinada em Macau pelo P.<sup>e</sup> Jerónimo Rodrigues<sup>7</sup> a 26 de Abril de 1626.<sup>8</sup> Escrita para enviar ao Geral da Companhia, esta relação, para além de descrever de forma sucinta os factos relativos à prisão dos Padres Pacheco, Baptista Zola e Baltasar Torres e, a eles associados, a prisão e morte de cristãos seculares, fornece ainda algumas informações sobre o estado da perseguição da igreja. Embora seja detalhada nos factos relativos à denúncia e prisão dos padres, esta notícia não se detém, talvez por não dispor ainda de informações, nos detalhes do tempo decorrido no cárcere, e o próprio autor remete para a *Carta Ânua* que viria a ser escrita, como era a norma anual.

“o que elle e os mais presos por Christo aqui padeçem he muito mas com muita alegria, o comer he sô hum pouco de aros preto<sup>9</sup> muito pouco co’algum sal em sima e não consente que de fora se lhes mande cousa alguma isto he em grosso o que tocava esta prizão as particularidades se escreverão meudamente na annua.”<sup>10</sup>

A *Carta Ânua de 1627*, assinada em Macau pelo P.<sup>e</sup> João Rodrigues Girão,<sup>11</sup> com data de Março de 1627, segue muito de perto, no que toca à prisão, o relato escrito por Jerónimo Rodrigues. No entanto, redigida já com objectivos diferentes dos da breve *Relação*, a Carta detém-se detalha-

<sup>6</sup> Este manuscrito encontra-se no *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), *Jap./Sin*, 29, fol 100f-102v.

<sup>7</sup> Trata-se provavelmente do P.<sup>e</sup> Jerónimo Rodrigues *senior* que foi visitador do Japão, da China e de Macau entre Outubro de 1623 e Julho de 1626. Um outro P.<sup>e</sup> Jerónimo Rodrigues, mais novo, foi missionário no Japão e vice-reitor do Colégio de Macau de Dezembro de 1624 a Julho de 1626.

<sup>8</sup> Anote-se aqui de passagem que esta prisão duraria menos de um ano, e não quatro, como informa o hagiógrafo português Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, Lisboa, 1652, 757.

<sup>9</sup> Assim designado provavelmente por não ser sujeito aos processos de refinação e branqueamento.

<sup>10</sup> *Relação Breve...* fol. 101v.

<sup>11</sup> Natural de Alcochete, entrou na Companhia em 1576 e chegou ao Japão em 1586. Daí foi expulso e partiu exilado para Macau em 1614, tal como o P.<sup>e</sup> Pacheco, mas não voltou ao Japão como este. Morreu em Macau, em Outubro de 1629.

damente na descrição do cativo de Pacheco e dos companheiros, nos antecedentes da prisão, na situação da cristandade japonesa naquele ano de 1626 e, naturalmente, no desenlace da execução do martírio. Esta *Carta Ânua* usa, além daquela *Relação*, os testemunhos de outros missionários clandestinos no Japão e cartas que os prisioneiros chegaram a escrever do cárcere e conseguiram fazer chegar às comunidades cristãs. É o caso, por exemplo, de uma carta do P. Baptista Zola que ele próprio informa ter escrito com dificuldade: «com sumo de laranjas, e as escondidas por estarem as vigias de dia / e de noite co' os olhos sobre nos» (fol. 13v.)

A *Carta Ânua* encontra-se organizada em vários capítulos, todos eles com um título alusivo ao seu conteúdo:

– Morte Gloriosa de tres cristãos martirizados na villa de Cuchinotçu por nossa santa fee (3f-4v);

– Como forão presos na cidade de Ximambara metropoli de Tacaco o P.<sup>e</sup> Baptista Zola Reitor delle, Caun Vicente seu dojuco, hum moço de seu serviço, o seu caseiro, e outros cristãos polla pregação do Evangelho (5f-7f);

– Da prisão mais em particular do dojuco Caun Viçente e do que padeço depois de preso, e juntamente de como se ouve no carcere (7f-11f);

– Do tronco de Ximambara, em que estavão os nossos, e do que nelle passarão até seu martyrio (11f-13v);

– Como foi preso polla pregação do Evangelho o P.<sup>e</sup> Baltasar de Torres de nossa Companhia e hum moço seu em huma aldeia junto da cidade de Nangasaqui, e do que passou no Carçere (14f-17v);

– Morte gloriosa do P. Franc.co Pacheco Provincial da provincia de Japão da Companhia de Jesus, dos P. Baltasar Torres e João Baptista Zola, e de seus irmãos Japões todos da mesma Companhia martirizados na cidade de Nangasaqui por nossa santa fée e promulgação do sagrado Evangelho (17v-21v);

– Das cousas do Padre Provincial e seus companheiros do martyrio (21v-26v); Morte dos Padres João Baptista Baeça e Gaspar de Castro da Companhia de Jesus (26v-30f).

Como concluimos pela leitura dos respectivos capítulos, a *Carta Ânua* completa o relato dos acontecimentos com outra documentação e com dados biográficos dos mártires, de acordo com o objectivo de fazer uma caracterização do seu perfil de santidade. Objecto de maior divulgação,

esta *Carta Ânua* foi sem dúvida a fonte documental mais utilizada pelo P.º Bartolomeu Pereira.

Para além destas fontes documentais próximas da matéria celebrada, Bartolomeu Pereira terá consultado uma biografia de Pacheco, como ele próprio afirma:

“Por esta razão, e como a consultei para o nosso trabalho, decidi expor-vos antecipadamente a vida de Pacheco...”<sup>12</sup>

Não sabemos qual terá sido o documento a que aqui se refere Bartolomeu Pereira. A *Vita Pacieci* que apresenta ao leitor antes do poema é basicamente o argumento histórico da narrativa épica.

Outra fonte do P. Bartolomeu Pereira foi o *Livro da Vida e Martírio do Bem-aventurado Padre Francisco Pacheco, Provincial da Companhia de Jesus em Japão e Governador episcopal de toda aquela grande cristandade* (que designamos VD), escrito segundo critérios hagiográficos. Trata-se de um manuscrito anónimo pertencente ao Paço de Vitorino das Donas. Este texto foi lido e publicado por João Gomes d’Abreu no *Arquivo de Ponte de Lima*<sup>13</sup>, revista municipal da cidade de que Francisco Pacheco é natural e onde é venerado. Como escreve o autor anónimo, a sua principal fonte é o relato chegado do Japão, naturalmente para os factos relativos à prisão e martírio, mas para que o texto possa de modo mais completo retratar as virtudes do mártir e a sua natural vocação para a santidade conforme os *topoi* hagiográficos, o autor recorre a outras informações e a testemunhas que conheceram Francisco Pacheco, abarcando desse modo todo o percurso biográfico do mártir, como o próprio autor afirma:

“Este compêndio que aqui fazemos é tirado de uma relação que do Japão se enviou ao muito Reverendo Padre Mutio Vitaleschi, Geral da nossa Companhia e juntando algumas coisas de que muitos outros que hoje vivem são testemunhas de vista”.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> «Hinc ego operi ut nostro consulerem, Pacieci uitam praemittendam censui...». Cfr. «Praeponitur Pacieci uita uniuersae poesi facularia», no início dos *Paciecidos*... p.s.n.

<sup>13</sup> J.G. D’Abreu, 1984: 377-390; 1985: 359-371.

<sup>14</sup> Cfr. VD, p 379.



Para o tempo de missão no Oriente, sobretudo no Japão – enquanto o P.<sup>o</sup> Pacheco foi provincial e governador episcopal – o autor mostra-se bem informado e revela ter usufruído de um acesso fácil à documentação da Companhia. A verdade é que se trata de um membro da própria Companhia de Jesus como podemos concluir das suas palavras quando se refere ao P.<sup>o</sup> Vitteleschi como ‘Geral da nossa Companhia’. A finalidade e natureza hagiográfica deste texto são evidentes e transparecem até mesmo numa simples leitura dos títulos dos vários capítulos que denunciam os motivos literários habituais nestes textos. O capítulo primeiro, por exemplo, – “De sua pátria, pais e criação até entrar na Companhia de Cristo” – segue o habitual elogio da terra natal do santo, das origens nobres da sua família e a referência aos acontecimentos que desde a infância eram manifestação da vocação especial de Pacheco para o martírio. Outro capítulo – “Das virtudes e exemplos com que o Padre Francisco Pacheco resplandeceu todo o tempo antes da sua paixão” – segue o costume, quase obrigatório na hagiografia, de fazer um ‘catálogo’ das virtudes do herói-santo.

## 2.2 A mitificação da história e as concepções estéticas da época

No contexto de uma concepção moralizante da arte, a poesia épica, como representação do triunfo da virtude, era a forma mais adequada para celebrar o tema do martírio. A dignidade do tema justificava o carácter sublime da forma e a forma épica alcançaria a plenitude da sua função ao celebrar o heroísmo supremo do martírio. A escolha da forma épica, então, conferia prestígio à história. Além disso, tendo em conta os objectivos de edificação espiritual e as exigências estético-literárias do público, narrar a história dos missionários-mártires sob a forma de epopeia podia ampliar a eficácia da mensagem. Na linha de uma concepção de poesia como a de Baptista Spagnoli Mantuano e confiando na eficácia da qualidade estética do texto, Bartolomeu Pereira queria fazer dos seus versos *apostolica retia*, isto é, ‘redes de apóstolo’.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> «fiant libelli mei quasi apostolica retia, et trahendis ad Christum hominibus laquei tenaciores». Cfr. Spagnoli, *Primus operum B. Mantuani tomus in quo sunt Commentariis Murrhonis Brantii et Ascensii haec illustrata: Parthenicon, Heroïdum uirginumque sanctissimarum septem [...] Heroïum quoque sanctorum trium vitae [...]* Quae omnia vaenundantur cum secundi tomi poematis eodem die absolutis Parrhisiis in aedibus Ascensianis. C IIII r.

Com efeito, para além da finalidade de *celebrare* o heroísmo dos missionários esta composição tinha como objectivo edificar, *mouere* o leitor a sentir com o seu *exemplum*, a aderir e integrar como seus os ideais de missão e martírio representados na obra de arte. A qualidade artística, o prestígio poético da emulação dos clássicos, a dignidade e beleza formais, garantiam à mensagem hagiográfica, pelo *delectare*, uma maior eficácia.

No ambiente intelectual e espiritual humanístico em que foi composto e a que se destinava o *Paciecidos*, o modelo épico por excelência era a epopeia de Virgílio. Bartolomeu Pereira afirma no prólogo que é com Virgílio que pretende celebrar o seu herói—«Marone cantamus Chorididascolo (sic)»<sup>16</sup>—, embora as suas fontes literárias sejam muito mais vastas (dos épicos pagãos Homero, Virgílio e Lucano, aos poetas cristãos como Prudêncio, passando pelos *Acta Martyrum* e pela Bíblia).

Sob a forma épica esta composição oferece um variadíssimo florilégio de estilos literários e de temas. Nos seus versos podemos ler ora a parénesis apologética empenhada nas polémicas doutrinárias, ora a biografia devota, ora a lírica mística, ora o maravilhoso alegórico e a sumptuosidade descritiva. Unifica esta multiplicidade a sólida unidade da estrutura, articulada segundo o modelo homérico-*virgiliano*, numa arquitectura *composita* construída em torno do acontecimento central: o martírio de Francisco Pacheco e seus companheiros.

O seu herói principal, embora seja acima de tudo e antes de tudo o mártir, é também o herói épico exilado, o hóspede, o sábio estóico, o peregrino, o asceta, o místico, o bispo-pastor que dá a vida pelo seu rebanho, sem que a personagem nos apareça, por isso, fragmentada.

O ornato mitológico e alegórico que preenche todo o poema numa evocação recorrente de motivos clássicos, marcados pela mais-valia estética da tradição literária que transportam, comunica às personagens do *Paciecidos* um estatuto superior de heróis, verdadeiros mitos com existência própria no universo da epopeia. Mártires e heróis, Francisco Pacheco e os seus companheiros missionários são mitos hagiográficos eficazes. O poeta espera que o seu *exemplum ad imitandum* renda os frutos em novas gerações de missionários que cheguem ao Japão e aí consigam prestar assistência a uma igreja que cresceu prodigiosamente mas que agora é ferozmente perseguida e parece condenada a extinguir-se. Trata-se aqui de uma eficácia de dupla origem: por um lado a eficácia que se espera da tradicional *imitatio*

---

<sup>16</sup> Cfr. “Vates lectori suo”, p.s.n.

*sanctorum* e por outro a eficácia que, numa concepção sacrificial do martírio, se espera do ‘sangue’ destes cristãos. É o que lemos nos versos que referem como as autoridades japonesas ordenaram o lançamento das cinzas dos mártires às águas, para evitar o já habitual culto das suas relíquias por parte dos cristãos japoneses. Bartolomeu Pereira desenvolve uma citação implícita de Tertuliano:

“Não sabe ele [o tirano] que lança à água fecundas sementes, para que os campos de Neptuno, férteis, todos os anos te rendam uma colheita de jesuítas, e te retribuam com lucro, Japão.

Olha para as armadas vindas da costa da Europa, quantos companheiros! Vê que generosa colheita eles te trazem! É abundante, a ceifa do mar. Não foi vã a esperança que alimentou esta semente, e ela responderá à ânsia das tuas preces, quando receberes, regressando a ti, da cidade de Rómulo, Semedo<sup>17</sup>, esse ‘Catão já rapado’, com veste e aparência culta, entrando pela tua costa, e trazendo consigo uma apaixonada prole do Lácio e de Portugal.”<sup>18</sup>

<sup>17</sup> O P.<sup>e</sup> Álvaro Semedo, missionário português na Índia (desde 1608) e na China (desde 1611), viajava pela Europa como legado de Roma na altura da publicação do *Paciecidos* (entre 1637 e 1645), com planos de regressar ao Oriente, como viria a acontecer em 1645. O P.<sup>e</sup> Semedo, como informa Bartolomeu Pereira nas suas notas ao poema, foi o primeiro que chegou a Portugal com a barba crescida até ao peito, segundo o costume da China. Como informa ainda a nota do poeta, esperava-se à altura que ele regressasse à China e ao Japão com numerosos companheiros. Cfr. “Index aliquorum nominum propriorum cum notationibus ad poseos intelligentiam”, *Paciecidos*, op. cit. p. s. n. Entende-se que o P.<sup>e</sup> Semedo seria no regresso um ‘Catão já rapado’, porque nos anos de viagem pela Europa, readquirira o costume de rapar a barba, e teria assim aquela ‘veste e aparência culta’, isto é, ao modo europeu. Note-se ainda que as gravuras representam geralmente o P.<sup>e</sup> Álvaro Semedo com uma longa barba e traje chinês.

<sup>18</sup> “Dum sic aethereos animi subiere penates,/ Ligna cadunt, posuere rogi;  
uix fumus in auras/ Ibat iners, uix scintillabant busta fauillis/ Frigida, iamque ardor, iam flamma quieuerat omnis./ Non tamen ira feri potuit frigere tyranni;/ Non ardor, non flamma cadit; crudelior ille/ Saeuit adhuc, cineresque pios super aequoris undas/ Deferri, Tethydisque iubet diffundier aruis./ Inscius ille undis felicia semina mandat./ Iesuadum ut segetem Neptunia rura quotannis/ Laeta ferant, reddantque tibi cum fenore, Iappon./ Aspice ab Europae uenientes litore classes,/ Quot socios, quantasque ferant tibi, conspice, messes./ Fertilis undarum seges est, nec semen inanes/ Spes alit; et uotis tunc respondebit auaris./ Cum tibi Romulida redeuntem ex urbe Catonem/ Iam tonsum, cultoque habitu uultuque Semedum/

Convergem na mitificação destes heróis dois traços aparentemente distantes: por um lado, a mitificação do herói segundo o modelo da epopeia clássica, para o que contribui bastante todo o ornato literário e a sua arquitectura *composita* e, por outro, a leitura do martírio como sacrifício que completa no corpo místico de Cristo o sacrifício do próprio Cristo, o proto-mártir. Recorde-se que o sofrimento, e muito particularmente o sofrimento dos mártires, é entendido por alguns como a continuação da paixão de Cristo no seu corpo místico que é a Igreja. Assim se compreende que as palavras de S. Paulo — “completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja...” (Col. 1, 24)- sejam frequentemente repetidas nos textos martirológicos.

Desta convergência entre a mitificação do mártir como herói épico e a leitura do martírio cristão como sacrifício resulta uma verdadeira síntese clássico-cristã de motivos literários sem qualquer aparência de contradição ou incompatibilidade, como se todo o património literário da Antiguidade clássica atingisse a plenitude da sua expressão finalmente cumprida na revelação cristã.

### 2.3 Intenções do poema

Para além de celebrar, edificar e mover o leitor a aderir ao ideal de missão e de martírio, o poema tem evidentes objectivos apologéticos que desenvolve em questões doutrinárias como a defesa do compromisso entre a graça e o livre-arbítrio, do valor das obras e da imagem, do poder da intercessão dos santos e da legitimidade da sua veneração. Não podemos abarcar aqui estas questões, mas não deixaremos de evocar uma outra intenção do poeta que terá sido promover a devoção e a beatificação do P. Francisco Pacheco.

É indispensável recordar aqui sumariamente que, sobretudo a partir do pontificado de Urbano VIII, e como consequência da reforma tridentina, o aparecimento de novos cultos de santos passou a ser matéria rigorosamente controlada em ordem a evitar os abusos e desvios. O decreto papal de 1625,<sup>19</sup> proibia a veneração de defuntos de cuja santidade se presumisse,

Excipies, Latia numerosum prole per oras/ Intransem, et Lysiam commotam ab sede trahentem.” XII, 319-337.

<sup>19</sup> Urbano VIII, *Decreta in seruanda.....Accedunt Instructiones & declarationes quas Em. et Rev. S. R. E Cardinales Praesulesque Romanae Curiae ad id muneris congregati ex eiusdem Summi Pontificis mandato condiderunt.* Roma, 1642, p 4.

em locais públicos ou privados, com o uso de imagens, resplendores, veneração de sepulcros, etc... Além disso, não poderiam ser publicados quaisquer livros a relatar as suas vidas, martírios, milagres ou graças por eles alcançadas sem prévia licença do Ordinário que devia instruir um processo, submetê-lo à aprovação de Roma, e aguardar sua resposta. A partir de 1634 (a composição do *Paciecidos* foi concluída em 1634) se uma destas normas fosse quebrada, proibía-se ainda a abertura do processo de beatificação ou canonização do ‘candidato a santo’ envolvido, e só era permitido abrir um processo de canonização 50 anos depois da sua morte.

Bartolomeu Pereira foi, neste aspecto, muito cauteloso. Com efeito, estou convencida de que a expectativa da beatificação determinou algumas opções do poeta de modo a respeitar os recentes decretos de Urbano VIII em matéria de canonização. Por um lado, a escolha da expressão poética funcionou como escudo protector de uma certa liberdade ficcional, por outro, Bartolomeu Pereira, em matéria hagiográfica, respeitou rigorosamente a fidelidade ao facto histórico, prescindindo dos *miracula* que as fontes documentais lhe forneciam e que poderiam constituir um embaraço num poema dedicado ao autor daqueles decretos que vinham regular e disciplinar a criação espontânea de novos cultos.

Lembrando o estatuto ficcional da poesia, justifica alguns passos que pudessem levantar alguma dúvida à necessária aprovação eclesiástica, e fornece ainda ao leitor uma importante chave de leitura:

«Na poesia é ainda costume revestir de tal modo a verdade autêntica da história, com as vestes da ficção que, a custo podemos distinguir o que é verdade do que é imaginação.<sup>20</sup> (...) Decidi expor-vos antecipadamente a vida de Pacheco que, assim como a respeito da ordem das coisas e das sequências, poderá trazer luz sobre a poesia, do mesmo modo, como nas coisas sagradas não podemos mentir, mostrará ao leitor que aquilo que aqui não encontrar é ornamento da poesia, veste e adereço fruto da imaginação.»<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> «Solet deinde in poesi nuda historiae ueritas laciniosis fictionibus ita circumuestiri, ut quae sint uera, et quae fabulosa uix possint discerni.» Cfr. “Praeponitur uita...” p. s. n°

<sup>21</sup> «[...] Pacieci uitam praemittendam censui, quae tum rerum, ac temporum ordinem seruando, poesi lucem daret, tum etiam cum in re sacra non liceat ementiri, legentem doceret, quidquid hic non inueniret poeseos ornamentum esse, et chlamydis lacinias commentitiae.» in. “Praeponitur uita...” p. s. n°

Em vários passos, o poeta fala da glorificação do herói como profecia, quer nas palavras de outros sacerdotes da Companhia, quer nas palavras do próprio Deus. É o que acontece, por exemplo, quando a alegoria Japónia se dirige suplicante a Deus Pai, pedindo que liberte do cárcere o seu pastor Pacheco, invocando o exemplo das libertações de S. Pedro e de S. Paulo. Responde-lhe uma voz vinda dos céus, consolando-a por perder apenas temporariamente Pacheco:

«Um dia, bem-aventurada Japónia, recebê-lo-ás como santo, e não passarão muitos anos até que nas igrejas e nos altares, seja contemplado no ouro [das suas imagens].»<sup>22</sup>

No próprio plano da narrativa assistimos à glorificação dos heróis. Santo Inácio e São Francisco Xavier (entretanto já canonizados) recebem o herói e os companheiros no Reino dos Céus. Como apóstolo do Oriente, é São Francisco quem lhes dirige a palavra para louvar a acção de Pacheco no Japão e anunciar o momento da glória e da coroa. Já nos céus, os heróis recebem um trono. As palavras finais do poeta vaticinam o futuro reconhecimento da sua santidade: embora os cristãos tenham ficado privados das relíquias destes mártires cujas cinzas foram espalhadas nos mares, “a pureza das suas obras e as suas *imagens* hão-de permanecer para sempre...”<sup>23</sup>

O martírio de Pacheco e dos companheiros surge assim, não na frescura da transmissão directa de um relato histórico como o da *Carta Ânua*, mas numa arquitectura *composita* que nem por isso perde em autenticidade e vigor expressivo. Pelo contrário, a integração do facto central—o martírio de Pacheco e dos companheiros—na acção mais abrangente das missões da Companhia em Portugal e no mundo, sobretudo no Japão, articulada segundo o modelo épico greco-romano, amplia extraordinariamente as possibilidades da nossa leitura. Motivos tradicionalmente épicos como a entrega do escudo ao herói, a embaixada, a hospitalidade, a súplica, a revelação de futuras gerações, a descida aos infernos, encontram-se no *Paciecidos* habilmente articulados na acção central, quer pela via da ficção quer por uma interpretação épica do facto histórico forne-

<sup>22</sup> «Indigetemque illum, felix Iapponia quondam/ Accipies, multis nec iam labentibus annis./ Templam per atque aras ibit conspectus in auro.»

<sup>23</sup> «Expressi niuei mores, et plurima uestrum/ Effigies animo semper uictura manebit.»

cido pelas fontes. Alguns destes motivos não se limitam a uma adaptação formal pois no próprio conteúdo é visível uma verdadeira síntese dos motivos clássicos com os motivos cristãos.

A variedade de motivos, que deste modo são convocados ao poema, acaba por proporcionar o alargamento dos horizontes de sentido do mártir do herói para além do seu destino pessoal, explorando os seus significados teológico, espiritual e eclesial.

Finalmente, creio ainda poder afirmar que o *Paciecidos* mitificou não só Francisco Pacheco e os companheiros como a própria Companhia de Jesus quando ela completava um século de existência. Na verdade, foi também uma formulação épica a que o poeta fez, não só dos feitos já comprovados da Companhia, na Europa e nas Missões, como da fé persistente na sobrevivência e expansão da igreja japonesa quando ela na realidade dificilmente sobrevivia e começava a mergulhar no silêncio. Bartolomeu Pereira, porém, como bem o exprime no *Paciecidos*, acreditava sinceramente que os mártires que celebrava dariam os seus frutos. E, em certa medida, após um longo silêncio de séculos, o poeta poderia encontrar o vestígio da semente e ver cumprir-se a sua epopeia.

## Bibliografia

- BOXER, C. R., *The christian century in Japan, 1549-1650*, Manchester, 1993 reimp. de 1951.
- CARDIM, Franciso, *Fasciculus e Iapponicis floribus suo adhuc madentibus sanguine, compositus a P. Antonio Francisco Cardim è Societate Iesu, Prouinciae Iapponiae ad Urbem Procuratore*, Roma, 1646. A mesma obra seria depois publicada em português com o título: *Elogios e Ramallete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da companhia de Jesus a quem os tiranos do império do Japão tiraram as vidas por ódio da fé católica*, Lisboa, 1650.
- CARVALHO, Eduardo Kol de, *Mártires do Japão*, Braga, 2006.
- D'ABREU, J.G., *Beato Francisco Pacheco—Subsídios biográficos*”, «Arquivo de Ponte de Lima» 5, (1984) 377-390; 6 (1985) 359-371.
- FRANCO, J. E., *O Mito de Portugal. A Primeira História de Portugal e a sua função política*, Lisboa, 2000.
- JAP./SIN, 29: *Relação Breve da Prisão por causa de nossa St.fée do P.<sup>e</sup> Francisco Pacheco Provincial da Comp.<sup>a</sup> de jhs de Japão e de outros*

*da mesma Comp.<sup>a</sup> e muitos seculares japoes com alguas outras cousas mais.* 1626.

JAP/SIN 61: *Annua do Japão p.<sup>a</sup> nosso mui Rev<sup>do</sup> Pe Muttio Vialesche R.<sup>ssimo</sup> geral da Comp<sup>a</sup> de Jesus do anno de 1627.*

MIRANDA URBANO, Carlota, *Santos e Heróis. A épica hagiográfica novilatina e o Poema Paciecidos*, dissertação de doutoramento, Coimbra, 2004.

PEREIRA, Bartolomeu, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626.* Conimbricæ, Expensis Emmanuelis de Carvalho 1640.

SOARES, Nair Castro, *A Carta de D. Manuel ao Papa Leão X*, «Biblos» II (2004) 99-129.

URBANO VIII, *Decreta in seruanda.....Accedunt Instructiones & declarationes quas Em. et Rev. S. R. E Cardinales Praesulesque Romanae Curiae ad id muneris congregati ex eiusdem Summi Pontificis mandato condiderunt.* Roma, 1642.